



URBANIZAÇÃO DOS CERRADOS BAIANOS: ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Elton Andrade dos Santos ¹
Agripino Souza Coelho Neto ²

RESUMO

A partir da década de 1960, os cerrados brasileiros foram objeto de políticas governamentais que estimularam sua ocupação populacional e sua exploração econômica. As ações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER) foram decisivas para o desenvolvimento de tecnologias que viabilizaram a expansão agrícola nos cerrados. Nos cerrados baianos, a industrialização da agricultura conduziu ao processo crescente de concentração de terra. As áreas de expansão do agronegócio apresentam forte expansão demográfica, com significativos fluxos migratórios. Desse modo, este texto objetiva analisar as transformações socioespaciais que se desdobraram nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães em decorrência da reestruturação produtiva que culminou na conformação do agronegócio. A pesquisa se apoiou em dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e na pesquisa de campo (observação sistemática e registros fotográficos). Os resultados do processo de ocupação dos cerrados baianos apontaram o crescimento acelerado de cidades, o surgimento de novas cidades, a intensificação do processo de urbanização e a produção de segregação socioespacial. Verificou-se um processo de urbanização em Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, com o crescimento da população urbana e uma densa infraestrutura de serviços e comércio diretamente vinculados a atividade do agronegócio. Entretanto, não refletem em melhoria geral das condições de vida da população, reproduzindo, por um lado, bairros com enormes precariedades de infraestrutura, enquanto ativa um forte mercado imobiliário, com a proliferação de condomínios de casas e edifícios fechados de elevado padrão, para uma pequena parcela da população de alto poder aquisitivo.

Palavras-chave: Cerrados, Reestruturação produtiva, Urbanização, Barreiras, Luís Eduardo Magalhães.

ABSTRACT

From the 1960s onwards, the Brazilian cerrados were object of government policies that stimulated population occupation and economic exploitation. The actions of the Brazilian Agricultural Research Corporation (EMBRAPA) and the Japanese-Brazilian Cooperation Program for the Development of the cerrados (PRODECER) were decisive for the development of technologies that made agricultural expansion in the cerrados viable. In the cerrados of Bahia, the industrialization of agriculture and the consolidation of agro-industrial complexes led to a growing process of land concentration. Areas of expansion of agribusiness show a strong demographic expansion, with significant migratory flows. So, this text aims to analyze the socio-spatial transformations that unfolded in the cities of Barreiras and Luís Eduardo Magalhães because of the productive restructuring that culminated in the conformation of agribusiness. The research was based on secondary data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics and on field research (systematic observation and photographic

¹ Mestre em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, eltonandrade13@gmail.com;

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Professor do Mestrado em Estudos Territoriais - UNEB, agscneto@uneb.br;



records). The results of the process of occupation of the cerrados of Bahia pointed to the accelerated growth of cities, the emergence of new cities, the intensification of the urbanization process and the production of socio-spatial segregation, the analyzes inform an expressive process of urbanization generated by agribusiness in Barreiras and Luís Eduardo Magalhães, with the growth of the urban population, with a dense infrastructure of services and commerce directly linked to agribusiness. However, they don't reflect a general improvement in the population's living conditions, reproducing, on the one hand, neighborhoods with enormous infrastructure precariousness, while activating a strong real estate market, with the proliferation of high standard condominiums of houses and closed buildings, for a small portion of the population with high purchasing power.

Keywords: Cerrados, Productive restructuring, Urbanization Barreiras, Luís Eduardo Magalhães.

INTRODUÇÃO

O campo brasileiro, em especial as áreas de cerrado, passou a ser considerado estratégico do ponto de vista da ação das grandes corporações, que passaram a controlar de forma crescente o setor agropecuário. Nos cerrados brasileiros foi deflagrado um processo de reestruturação produtiva, principalmente no setor agropecuário, com a inserção de tecnologias mais sofisticadas para produzir mais com menos recursos, incorporando parcelas crescentes de terra ao processo produtivo.

A análise do processo histórico no Oeste Baiano possibilita compreender a reconfiguração desse espaço e como os novos centros urbanos que aí se desenvolveram estão relacionados com a produção agrícola. Até meados da década de 1980, os cerrados baianos se caracterizavam por uma ocupação lenta e rarefeita.

Denis Elias (2003), José Graziano da Silva (1996) e Roberto Lobato Corrêa (1999) reconhecem que os cerrados brasileiros foram impactados pela reestruturação produtiva do capital, dando continuidade ao processo de modernização do campo, refletindo o avanço da industrialização da agricultura e da urbanização de pequenas e médias cidades. Esse processo não pode ser entendido dispensando a compreensão do papel do Estado no patrocínio da acumulação capitalista, com políticas territoriais decisivas para viabilizar o avanço da chamada “agricultura moderna”.

A compreensão desse marco teórico contribui para a análise das cidades do Oeste baiano, pois estas estão se desenvolvendo em um contexto de expansão do agronegócio principalmente de soja, milho e algodão. Entendê-las a partir dessa análise contribui para melhor identificar que tipos de fluxos migratórios, quais as funções que elas podem assumir nos cerrados baianos e quais os principais rebatimentos que podem surgir para o desenvolvimento da sua dinâmica e organização espacial.



A reestruturação produtiva dos cerrados se assenta na lógica de ocupação das áreas de fronteiras agrícolas e tem produzido significativas transformações nas regiões e cidades atingidas. Este é o caso de Barreiras-BA e Luís Eduardo Magalhães-BA, localizados no Oeste Baiano, cujo processo tem produzido impactos rurais e urbanos marcantes, como a gestação de processos e formas espaciais no urbano.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a produção do espaço urbano das cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, sob a ótica das transformações socioespaciais impostas pelo processo de modernização do campo e de urbanização. Em um primeiro momento, investiga-se o processo de reestruturação produtiva nas áreas dos cerrados e a articulação entre o campo e a cidade, caracterizada pela modernização agrícola e a construção de complexos agroindustriais.

Nota-se que os espaços urbanos dessas cidades têm passado por importantes dinâmicas nas últimas duas décadas, envolvendo a agregação de novos papéis urbanos, que decorrem da instalação de grandes empresas ligadas ao agronegócio e a expansão de serviços especializados no setor da saúde e educação (criação de hospitais, clínicas, universidades públicas e particulares); espraiamento de seus tecidos urbanos sem o devido acompanhamento das infraestruturas urbanas necessárias para o atendimento adequado das demandas das populações periféricas; além do surgimento de novas centralidades associadas à coesão espacial dos estabelecimentos de equipamentos agrícolas e a formação de condomínios privados.

Considerando o objetivo deste trabalho, recorreu-se aos seguintes procedimentos metodológicos: revisão de literatura, análise de documentos de agentes urbanos, levantamento de dados secundários das agências oficiais de informação, pesquisa de campo com observação sistemática.

A revisão de literatura cumpriu um papel fundamental na compreensão do processo de reestruturação produtiva dos cerrados brasileiros e dos consequentes processos de modernização do campo e de urbanização. Foram importantes também alguns estudos que se debruçaram sobre fenômenos socioespaciais que se processaram nos cerrados baianos, com o advento da chamada agricultura moderna.

A avaliação das transformações produzidas em Barreiras e Luís Eduardo Magalhães exigiu o levantamento de informações nos sites de imobiliárias e de jornais de notícias, além do levantamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da elaboração de mapas temáticos, procedimentos voltados para



viabilizar a compreensão das modificações espaciais nas últimas duas décadas nas duas cidades.

Em termos de pesquisa de campo, foram realizadas observações sistemáticas (com registros escritos e fotográficos) dos processos e formas espaciais que conformam o espaço urbano das duas cidades investigadas, destacando a segregação residencial (condomínios de alto padrão versus bairros periféricos com deficiências de infraestrutura), a crescente verticalização e a concentração espacial das atividades vinculadas à agropecuária, possibilitando uma aproximação e uma leitura da realidade para avaliar rebatimentos socioespaciais que repercutiram na intensa urbanização e no rápido crescimento populacional.

Após esta introdução, o artigo conta com mais três seções. A primeira discute teoricamente as implicações do processo de urbanização na produção das cidades, à medida que a partir da reestruturação produtiva, as cidades passaram a cumprir um papel diferenciado em relação às regiões agrícolas. A segunda seção analisa a produção do espaço urbano de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães identificando os agentes, as formas espaciais e as vulnerabilidades socioespaciais decorrentes dessa urbanização. Na terceira e última seção apresenta as considerações finais do estudo.

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NOS CERRADOS BAIANOS

O processo de reestruturação produtiva ocorre a partir do final dos anos 1970, com a crise do modelo fordista e se intensifica nos cerrados brasileiros a partir dos anos 1990, com a política neoliberal e a abertura econômica, acarretando transformações no processo produtivo e no espaço, produzindo novos espaços voltados para o agronegócio.

Os cerrados baianos (localizado na porção oeste do estado), que antes eram espaços com pouca expressividade econômica (destacando-se a agricultura de subsistência, a pecuária extensiva, com núcleos urbanos pouco povoados, formados basicamente pela população nativa da região), tornou-se a partir da década de 1970 uma região com importantes centros urbanos, com a conformação de grandes áreas produtoras de grãos, principalmente a soja.

O Oeste Baiano se configura como um desses exemplos de região funcional ao agronegócio por conter, principalmente a partir da década de 1980, condições favoráveis à expansão dessa atividade, com investimento maciço de capital público e



privado na tecnificação do território, com a concentração no Oeste Baiano, de fixos e fluxos das redes agroindustriais de *commodities* agrícolas do Nordeste (SANTOS, 2016).

Esse processo de transformações ocorrido no setor agrícola nacional encontrou um determinado espaço de um estado periférico e uma das suas regiões econômicas com os mais baixos índices de desenvolvimento humano do estado, condições e situações muito particulares que permitiram a sua incorporação a uma nova dinâmica do setor agrícola nacional. O Oeste baiano, a partir do início da década de 1980, devido as suas condições naturais foi incorporado à produção unificada pelo movimento do capital industrial e financeiro, dada pela integração de distintos setores (indústria – agricultura – serviços) e distintas esferas econômicas (produção, distribuição e consumo).

A inserção da agricultura moderna, promovida por incentivos do Estado em suas três esferas, federal, estadual e municipal, no final da década de 1970, provocou profundas mudanças na dinâmica espacial, e conseqüentemente na cidade de Barreiras, que na época que se apresentava como o principal centro urbano da região, e acabou por ser o município mais atingido por essas mudanças, tanto no urbano quanto no rural. A partir da chegada da moderna agricultura nos espaços de cerrados baianos, que sempre foram tratados como áreas marginais no processo produtivo do Estado, o Oeste baiano passou a participar da agenda setor agrícola nacional (SOUZA et al., 2015).

Santos Filho (1989) evidencia que houve uma virada dos anos 1960 e início da década de 1970, período em que a região passou por mudanças significativas. A construção de Brasília em 1960, a instalação da hidrelétrica de Correntina em 1966 e a instalação do 4º Batalhão de Engenharia de Construção (4ª BEC) para a construção das BRs 242 e 135 em 1969, foram impulsionadoras de transformações espaciais, haja vista que abriu perspectivas de aproximação do Oeste da Bahia com o polo urbano que se instalou no novo Distrito Federal, acelerando a valorização de terras nos cerrados, já que a nova rede viária aproximou esta área dos grandes centros de produção e consumo do País.

As redes viárias e de comunicações possibilitaram aproximar os grandes centros urbanos de áreas geograficamente distantes do país, favorecendo uma melhor articulação do Nordeste, de maneira geral, ao nível nacional. A economia brasileira precisava acompanhar o crescimento de produção e de novos mercados, porém as barreiras físicas e tecnológicas dificultavam o aproveitamento dos Cerrados baianos e



nordestinos, a partir da constituição dos complexos agroindustriais com a evolução do setor agrícola e do seu dinamismo, ao mesmo tempo, os papéis das políticas econômicas foram determinantes no processo de viabilizar um novo modelo agrícola para a Bahia.

Mendonça (2002) reconhece a aceleração do processo de urbanização e modernização da agricultura nos países periféricos (impulsionada pela Revolução Verde), com destaque para o Brasil, precisamente nas áreas de cerrado. As consequências deste processo foram a expansão da urbanização com a criação de novos espaços urbanos, seja pelo surgimento de novas aglomerações ou pela reestruturação de antigos e pequenos centros urbanos para atender a nova demanda pela agricultura moderna.

Rios Filho (2017) considera que a difusão da “agricultura moderna” nos cerrados tem provocado uma nova organização de parte do território brasileiro, pautada, entre outras características, pelo surgimento de cidades funcionais ao campo cada vez mais mecanizado, processo deflagrado com chegada dos migrantes sulistas em busca de terras mais baratas e mais extensas. Estes migrantes contribuíram com a abertura de novas fronteiras no cerrado baiano e com a modernização da agricultura, processos cerificados nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

No entanto, a difusão do agronegócio tem-se traduzido não apenas na reestruturação produtiva da agropecuária, mas no reforço de históricos problemas regionais, como a concentração fundiária e de renda, a desarticulação dos pequenos produtores e a expansão da monocultura, bem como a criação de novos problemas, a exemplo da privatização da água, da degradação ambiental, da exploração da mão de obra do campo e da intensa urbanização (OLIVEIRA, 2015).

O uso corporativo do território propiciou eficiência produtiva e competitividade do setor agropecuário em escala geográfica local, regional e global. As novas organizações espaciais resultam da relação de interdependência entre agricultura, indústria, população, urbanização e política. Esta interação promove o funcionamento, a estruturação e a dinâmica econômica da organização espacial do extremo oeste da Bahia (GÓES, 2011).

A reestruturação produtiva e a incorporação dos cerrados baianos ao modelo de produção agrícola “moderna” impulsionaram um expressivo processo migratório, que vem acompanhado de repercussões socioespaciais importantes, sendo verificado um



intenso processo de urbanização, com o surgimento de novas cidades e o crescimento acelerado de cidades preexistentes.

A expansão da urbanização e o incremento da economia urbana, em áreas de difusão do agronegócio, adquire um padrão competitivo, empreendedor, ajustado aos interesses capitalistas e, portanto, atrativa aos agentes hegemônicos das redes agroindustriais. A lógica dominante agora, portanto, é da “urbanização corporativa” e da “cidade corporativa” (SANTOS, 2005).

A gênese dos primeiros núcleos do Oeste Baiano está intimamente relacionada com o processo de ocupação dessa região, marcada pela prática agropecuária, sendo a fazenda o embrião de grande parte dessas nucleações. Nesse sentido, o modo de ocupação e de penetração no território garantiu a contiguidade do povoamento, controlado pelas pioneiras oligarquias rurais.

A organização socioespacial do Oeste Baiano se refletiu em sua embrionária rede de vilas, no final do século XIX, que, por suas características peculiares, apresentou-se de uma maneira simples, com baixa conectividade entre seus núcleos, resultado de concentração fundiária e forma espacial herdada do período colonial, com circulação vinculada aos caminhos fluviais junto à finalidade do abastecimento do mercado interno.

Destacam-se, nesse processo, às novas e especializadas territorialidades emergentes ligadas aos setores do agronegócio globalizado na fronteira agrícola do Cerrado Baiano. No entanto, como veremos, para além do crescimento econômico proliferam em todos os lugares da região, territórios de precariedade, instabilidade, pobreza e exclusão social.

As cidades do agronegócio passam a ser um mosaico de interações, devido ao estabelecimento de uma nova divisão social, técnica e territorial do trabalho. Nas cidades do agronegócio convivem dois tipos de migrantes: os que possuem condições de consumo e cuja infraestrutura urbana é feita para seu usufruto; e os excluídos do consumo moderno migrantes expulsos do campo pela modernização agrícola ou provenientes das áreas mais pobres do território brasileiro, que alojam nas áreas periféricas e aumentam o número de desempregados, subempregados e trabalhadores informais. (FREDERICO, 2011, p. 19).

Neste sentido, de acordo com as ideias do autor, pode-se verificar que a acentuada desigualdade social existente no Oeste Baiano nada mais é do que uma consequência do modelo econômico voltado para o agronegócio, uma vez que a



concentração de capital ocasiona uma ampla disparidade social, que se torna visível à medida que se observa a heterogeneidade social da população nos bairros das cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, quando se compara o desenvolvimento destas cidades em relação às demais que compõem o Oeste da Bahia.

A precariedade de um território pode ser explicada a partir de diversos fenômenos gerados pela desigualdade social, tais como: acesso a infraestrutura básica (moradia, redes de água, luz, esgoto e comunicações, por exemplo), educação saúde, má gestão pública e má distribuição de renda, que na maioria dos casos é gerada pela concentração do capital.

De acordo com Castells (2014, p. 250), segregação tende a organização do “espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo a disparidade não compreendida apenas em termos de diferença”, mas também de hierarquia. Sposito (2016) argumenta que a segregação vai além de diferenciação, de desigualdades sociais e de áreas dotadas de homogeneidade, mesmo que ela se manifeste através destas características. Tal conceito deve ser aplicado “quando as formas de diferenciação levam à separação espacial radical e implicam rompimento, sempre relativo, entre a parte segregada e o conjunto do espaço urbano, dificultando as relações e articulações que movem a vida urbana” (SPOSITO, 2016, p. 65).

Diversos autores, a exemplo de Sposito (2016) e Castells (2014), tem ressaltado que o processo de urbanização está sendo cada vez mais influenciado pela segregação, fazendo com que aumentem a demanda e oferta por condomínios privados, ampliem-se os muros e cercas que isolam populações vulneráveis. Essa realidade, atrelada a outras dinâmicas de produção da cidade, como os interesses imobiliários e ações do Estado, tem tornado setores das cidades fragmentadas, o que reflete e produz desigualdades sociais, negando o direito a cidade para grande parcela da população, especialmente as camadas populares.

No caso do Oeste Baiano, o rápido avanço do agronegócio culminou no êxodo rural, e em intensos fluxos migratórios direcionados principalmente para os três municípios considerados polos agroindustriais, reconfigurando, desde então, uma nova dinâmica populacional urbana nas cidades que antes possuíam um contingente de habitantes relativamente baixo.



Diante da capacidade de construir e reconstruir com o trabalho, o espaço é produzido à medida que existe uma determinada demanda. Criam-se, portanto, condições infraestruturais e sociais para supri-las, de acordo com a lógica do modo de produção. Com o capitalismo se observa a produção destinada a garantir a acumulação do capital de forma cada vez mais intensa. As cidades passaram a acomodar um expressivo número de pessoas, gerando um crescimento urbano excludente, que resultou na formação de periferias nas cidades agroindustriais. Esses desdobramentos no espaço urbano serão detalhados na seção seguinte com os casos de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

TRANSFORMAÇÕES INTRAURBANAS EM BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Os cerrados da Bahia passaram a atrair significativos contingentes populacionais de maneira intensa a partir dos anos 1970, quando se verificou uma enorme transferência de agricultores especializados no cultivo da soja do Rio Grande do Sul, do Paraná e de São Paulo.

Apesar dos atrativos, não se pode deixar de lembrar e considerar os investimentos públicos e privados adotados para tornar essa área no que ela se transformou hoje. Se por um lado, o agronegócio alavancou altos índices de produção, muito por conta da participação dos migrantes, por outro lado, reproduziu pobreza nas cidades e no campo devido à concentração da terra e da renda.

As ações governamentais foram direcionadas às pesquisas das potencialidades agrícolas dos cerrados, com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em 1972. Além disso, programas governamentais, a exemplo do PRODECER, tiveram como principal função a criação de mecanismos de crédito oficial para o financiamento de compra de terras, custeio e investimento. Essas ações aliadas ao investimento embrionário da infraestrutura de transporte na década de 1970 foram fundamentais no estímulo à migração dos produtores agrícolas de outras regiões para áreas de cerrados em busca de terras para a ampliação do cultivo, visto que já ocorria escassez de terras no Sul e Sudeste do país, tendo em vista a elevada disputa pela posse das terras e a oportunidade de explorar grandes áreas disponíveis nos cerrados.



O movimento agrícola impulsionou um intenso fluxo migratório, criando uma dinâmica urbana, pois, cidades, que antes possuíam um contingente populacional relativamente baixo cresceram consideravelmente em poucos anos. Os dados de 1970 a 2010 revelam a evolução populacional e a proporção do crescimento urbano tanto na cidade de Barreiras (Tabela 1), assim como em Luís Eduardo Magalhães (Tabela 2).

Tabela 1 - Evolução populacional e proporção de crescimento da cidade de Barreiras. 1970-2010

Ano	População Total	Percentual de crescimento	População Urbana		População Rural	
			Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
1970	20.864	-	9.831	47,12%	11.033	52,88%
1980	41.462	98,70%	30.055	72,50%	11.407	27,50%
1991	92.640	123,40%	70.870	76,50%	21.770	23,50%
2000	131.335	41,80%	115.331	87,81%	16.004	12,19%
2010	137.427	4,40%	123.741	90,04%	13.686	9,96%

Fonte: IBGE (BRASIL, 1970; 1980; 1991; 2000; 2010). Elaborado pelos autores.

Tabela 2 - Evolução populacional e proporção do crescimento da cidade de Luís Eduardo Magalhães 1991-2010.

Ano	População Total	Percentual de crescimento	População Urbana		População Rural	
			Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
1991	6.600	-	0	0%	6.600	100%
2000	18.757	184,2%	15.699	83,70%	3.058	16,30%
2010	60.105	220,4%	54.881	91,30%	5.224	8,70%

Fonte: IBGE (BRASIL, 1991; 2000; 2010). Elaborado pelos autores.

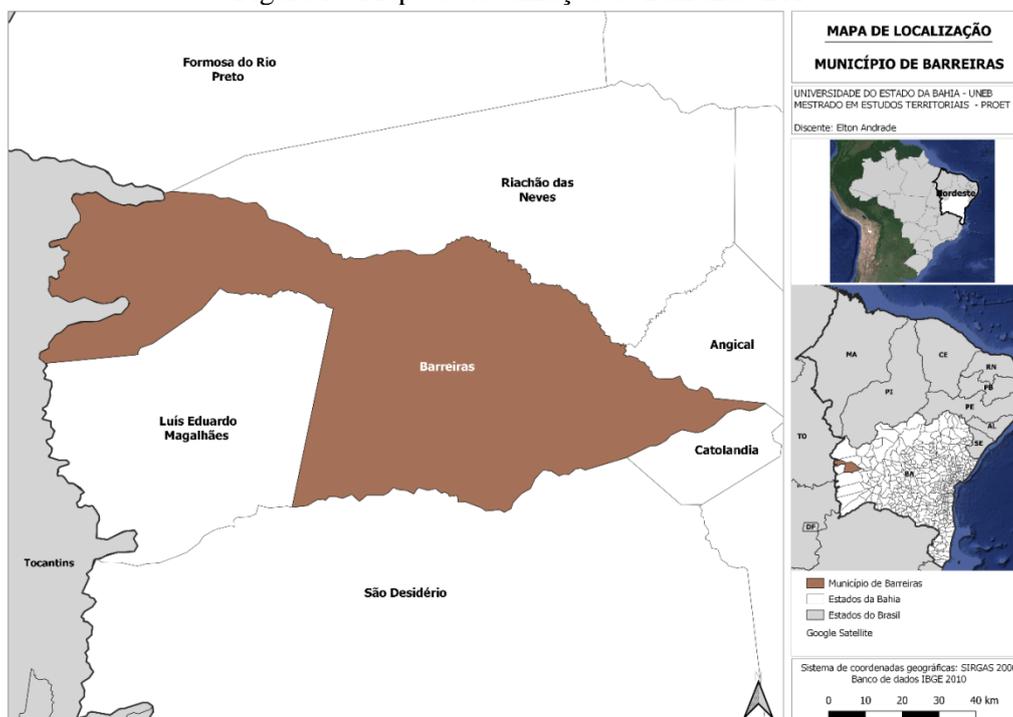
Nota: A cidade de Luiz Eduardo Magalhaes foi emancipada em 2000.

Os dados apresentados nas tabelas 1 e 2 revelam pelo menos três processos fundamentais para os cerrados baianos: o forte crescimento populacional dos dois municípios, o intenso processo de urbanização e o surgimento de uma nova cidade (Luís Eduardo Magalhães), que experimenta um crescimento elevado, em especial de sua população urbana.

O município de Barreiras, que tinha uma população total de 20.684 habitantes em 1970, atinge 137.427 habitantes em 2010, com projeção de 155.439 habitantes para o ano de 2019, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trata-se de um exponencial crescimento populacional da ordem de 651% em apenas cinco décadas. Outra característica revelada com os dados são os números crescentes de população urbana, pois, até o início da década de 1970, a população rural era levemente superior (52,8%), mas em 2010, a população urbana atinge o expressivo

patamar de 90,04%, muito em função das migrações do campo para a cidade e oriundas de outras partes do estado e do país.

Figura 1 - Mapa de localização de Barreiras-BA



Fonte: IBGE, 2010. Elaborado por Elton Andrade, 2021.

O município de Barreiras (figura 1) é o maior e mais importante município da região, Barreiras tem sua emancipação consolidada na segunda metade do século XIX (no ano de 1891), porém, o período de maior dinâmica econômica e demográfica do município ocorreu a partir dos anos finais da década de 1970, pois em função do processo de reestruturação produtiva avançaram as atividades de caráter agroexportador e, conseqüentemente houve intensificação no fluxo de capital e população para a cidade.

Observando o cenário urbano do Oeste da Bahia, diante do processo histórico de reestruturação produtiva, a primeira cidade a se destacar foi Barreiras, que passou de uma cidade local sem expressão econômica para a condição de principal centro urbano da região agrícola, concentrando as atividades mais importantes no que se refere ao consumo produtivo, ocorrendo uma reorganização de seu espaço intraurbano, para se tornar uma cidade do agronegócio.

Dessa forma, Barreiras é a cidade que polariza a região Oeste, sendo ao longo de sua história, centro de acumulação de capital e concentração humana, além de sediar os mais importantes escritórios de fazendas, a exemplo da Bunge, Cargil, John Deere,



Busato, Horita (figura 2) e Misote, pequenas indústrias, aeroportos e grandes associações, com destaque para AIBA (Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia) e ABAPA (Associação Baiana dos Produtores de Algodão).

Figura 2 - Sedes do escritório da Horita em Barreiras-BA



Fonte: Acervo do autor, 2020.

As transformações ocorridas no espaço urbano barreirense foram amplas e conduzidas pelas forças de mercado, pela intensa dinamização econômica instalada. Deste modo, o capital comandou a produção espacial da cidade e o Estado atuou com um ritmo menor que as forças econômicas capitalistas. Então, a maior parte dos equipamentos urbanos que surgiram de maneira quase imediata na cidade, foram aqueles favoráveis à fluidez das relações comerciais no espaço urbano. Saúde e educação apareceram em segundo plano, fato que se confirma com a construção do Hospital do Oeste, fundada apenas em 2006, assim como também ganhou novas faculdades particulares, como a UNIRB, a UNOPAR, a FASB e a Dom Pedro II, além da presença do Campus de universidades públicas, como a Universidade do Estado da Bahia - UNEB e Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB³, processo esse que foi se expandindo à medida que novos migrantes foram chegando, conseqüentemente, a população foi crescendo e requerendo novos equipamentos educacionais para ampliação qualificação profissional.

³ A UFOB é resultado do desmembramento do *campus* de Barreiras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi sancionada pela lei nº 12.825 de 5 de junho de 2013.



A questão que se coloca é o papel de centralidade econômica e política que historicamente a cidade sempre desempenhou na Região Oeste. Antes mesmo da introdução da região à cadeia produtiva da soja, a cidade já desempenhava este papel, inclusive por este motivo, ela foi o primeiro centro urbano da região a promover a função de suporte à agricultura científica globalizada, não somente do Oeste Baiano, mas do Nordeste.

As figuras 3 e 4 remetem a densidade dos estabelecimentos de consumo produtivo (sementes, fertilizantes e maquinários agrícolas) e sua relação com os centros urbanos do arranjo territorial da cadeia produtiva da soja, permitindo pensar no papel na organização espacial das empresas com a intensificação das trocas comerciais, possibilitando a integração com outros serviços.

Figuras 3 e 4 - Estabelecimentos comerciais próximos à margem da BR-242. Barreiras



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Nesse contexto de crescente complexificação das relações sociais, econômicas e políticas, alguns agentes consolidaram a sua participação histórica, enquanto outros, até então inexpressivo ou mesmo inexistentes, passaram a ter papel preponderante na dinâmica territorial do município. Barreiras é um dentre os muitos casos de municípios brasileiros localizados em regiões estratégicas, consideradas preferenciais para criação de sistemas agroindustriais com elevada base técnica voltada à produção agrícola, em que os agentes passam a impor uma lógica de organização que influenciou diretamente na aceleração do processo de urbanização.

Nas palavras de Souza, et al. (2015, p. 96):

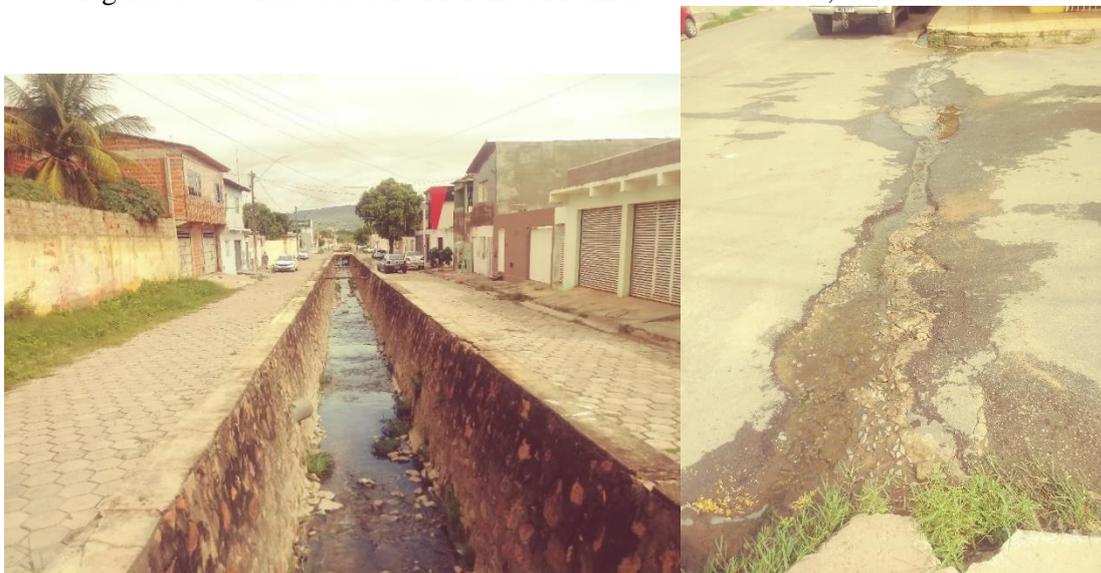
Assim, Barreiras que já figurava como centro do terciário em âmbito regional, graças ao papel de entreposto de fluxos comerciais advindos



pela via fluvial e por caminhos terrestres, passou a ser dimensionado também como um importante polo agroindustrial no estado da Bahia (antes da criação do município de Luís Eduardo Magalhães), tendo se transformado em um espaço luminoso, inserido no circuito econômico mundial, com a instalação de grandes multinacionais cuja produção de soja está voltada para a exportação.

Quanto aos aspectos urbanos de Barreiras, fica clara a ocorrência de um processo acelerado de expansão, com poucas iniciativas no que diz respeito ao ordenamento. Por conta disso, atualmente, a sua população convive com problemas típicos de cidades de maior porte, como violência urbana, carência de infraestrutura e serviços básicos, como, por exemplo, os relativos ao saneamento básico (Figuras 5 e 6).

Figuras 5 e 6 - Rua Custódio Moreno e Avenida José Bonifácio, Centro de Barreiras



Fonte: Acervo do autor, 2021.

A área central é predominantemente comercial e ocasionalmente ocupada por residências de classe média alta. Nessa região estão localizados os principais fornecedores de mercadorias e serviços, tanto para a população, quanto para a produção agropecuária. Além da ocupação residencial mencionada, situam-se bancos, supermercados, postos de combustíveis, assim como é o local mais bem servido por infraestrutura e serviços públicos da cidade.

Em geral o processo de transferência da classe média em direção aos condomínios horizontais e edifícios fechados, em que o mercado imobiliário se aproveita dessa oportunidade a nível habitacional para disseminar e vender estes

espaços através da propaganda, como um oásis de boa infraestrutura, serviços, entretenimento e segurança.

A Figura 7 dispõe de uma imagem de satélite comparativa, dos bairros da Santa Luzia (área de baixo padrão construtivo) e Sandra Regina (alto padrão construtivo), nelas são possíveis observar logo de cara as diferenças relativas à densidade. A Santa Luzia concentra um número maior de pessoas, no mesmo recorte de escala gráfica das imagens, assim como a vegetação é rarefeita, algumas ruas são perceptíveis a falta de pavimentação e predominam residências unifamiliares na sua composição. Enquanto o bairro Sandra Regina apresenta diferentes padrões construtivos (residências, edifícios e condomínios horizontais), assim como a presença mais frequente de vegetação e de pavimentação das vias.

Figura 7 - Realidades em áreas de baixo e alto padrão construtivos. Barreiras



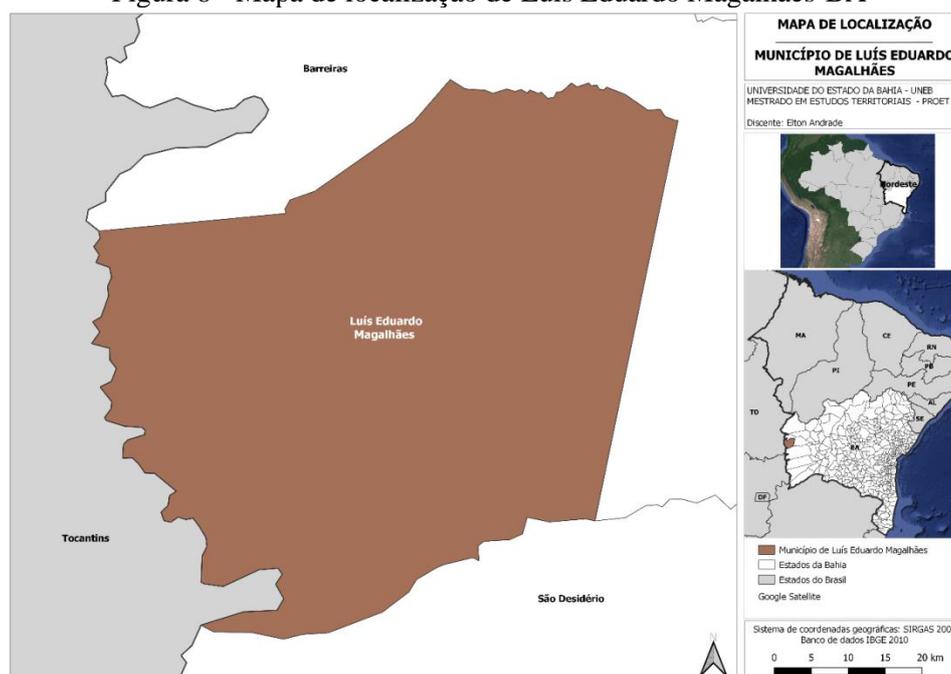
Fonte: Google satélite. Elaborado por Elton Andrade, 2021.

A realidade encontrada na cidade de Barreiras, marcada por uma intensa complexidade territorial que comporta de um lado uma elite consumidora (autossegregada) e do outro uma população periférica vítima da má distribuição de renda, falta de oportunidade e exclusão social (segregação imposta). Os empreendimentos imobiliários agregam ao tecido da cidade extensas porções, ampliando significativamente o espaço intraurbano e, por consequência, a demanda por

infraestrutura urbana em partes da cidade que ainda não foram preparadas para acolher condomínios desse porte.

Outra consequência foi o surgimento de um novo núcleo urbano na região, a cidade do agronegócio de Luís Eduardo Magalhães, cujos dados revelam um intenso crescimento, pois o município sai de 18.757 habitantes em 2000, ano de sua emancipação, para 87.519 habitantes, projeção do IBGE para o ano de 2019, indicando um crescimento superior a 367% em apenas duas décadas. A cidade deixou de ser um povoado com 6.600 habitantes em 1991, para se tornar uma cidade média em menos de 30 anos, ou seja, era essencialmente formado por uma população rural até 1999, tornando-se uma cidade média com população urbana que atingiu o patamar de 91,30% em 2010.

Figura 8 - Mapa de localização de Luís Eduardo Magalhães-BA



Fonte: IBGE, 2010. Elaborado por Elton Andrade, 2021.

O município de Luís Eduardo Magalhães (figura 8) foi criado por meio do projeto de Lei nº 395/1997, como resultado das novas formas de uso e gestão do território brasileiro relacionados à expansão do agronegócio, sendo atualmente um dos principais centros urbanos dos cerrados nordestinos, atrelada ao agronegócio da soja, despontando como nova centralidade urbana na região.



A presença de grandes estruturas produtivas próximas às rodovias (como é o caso da Bunge) ou mesmo em espaços de transição entre a cidade e o campo contribui com o aumento dos fluxos rodoviários. Estas agroindústrias atraem para o seu entorno, usos e atividades complementares, gerando espaços produtivos isolados, que também decorrem na dependência da cadeia produtiva.

Uma importante questão se impõe com esses números: as cidades apresentaram um elevado crescimento urbano em razão dos intensos fluxos migratórios que decorrem da atração gerada pela agricultura moderna, porém a população rural vem experimentando acentuado decréscimo a cada década, reforçando o desemprego estrutural que o agronegócio impõe e a consequente saída da população do campo em direção a cidade.

Observa-se a coexistência de conteúdos urbanos e rurais na conformação das cidades, componente fundamental para compreender os processos socioespaciais e entender como se estrutura e se organiza um comércio voltado para as demandas do agronegócio. Nesse sentido, muitas empresas ligadas ao agronegócio se instalaram (figura 9), dispondo de instrumentos técnicos e tecnológicos que aumentaram seu poder, mobilizando importantes recursos de capital para esses espaços.

As atividades comerciais ligadas ao são importantes por criarem um dinamismo em relação ao consumo e ao mercado de trabalho na área central. A concentração dessas atividades na área central de Luís Eduardo Magalhães gera estímulos à concentração de outras atividades na área central, assim como provoca o surgimento de estabelecimentos comerciais novos no seu entorno imediato.

Figura 9 - Representação de empresa do setor agrícola em Luís Eduardo Magalhães-BA



Fonte: Acervo dos autores, 2020.



Nesse sentido, os agentes imobiliários começam a emergir devido às necessidades de preservar o processo de acumulação de capital, através de mudanças na organização social. Esses agentes são geradores de fragmentação entre as classes de alta e baixa renda, no qual o padrão de consumo e promovem a emergência de uma classe média que não é homogênea.

As formas e os processos espaciais têm refletido na segregação socioespacial. De um lado, proliferam os condomínios privados de alto padrão e a crescente verticalização (Figura 10), decorrentes da dinâmica econômica do agronegócio, que estrutura uma classe capaz de adquirir e sustentar um mercado imobiliário que adquiriu enorme vigor nas últimas duas décadas (Figura 11).

Figura 10 - Presença crescente de grandes condomínios edificações em Barreiras-BA



Fonte: Acervo dos autores, 2021.

Figura 11 - Publicidade em *Outdoor* de um residencial em Luís Eduardo Magalhães-BA



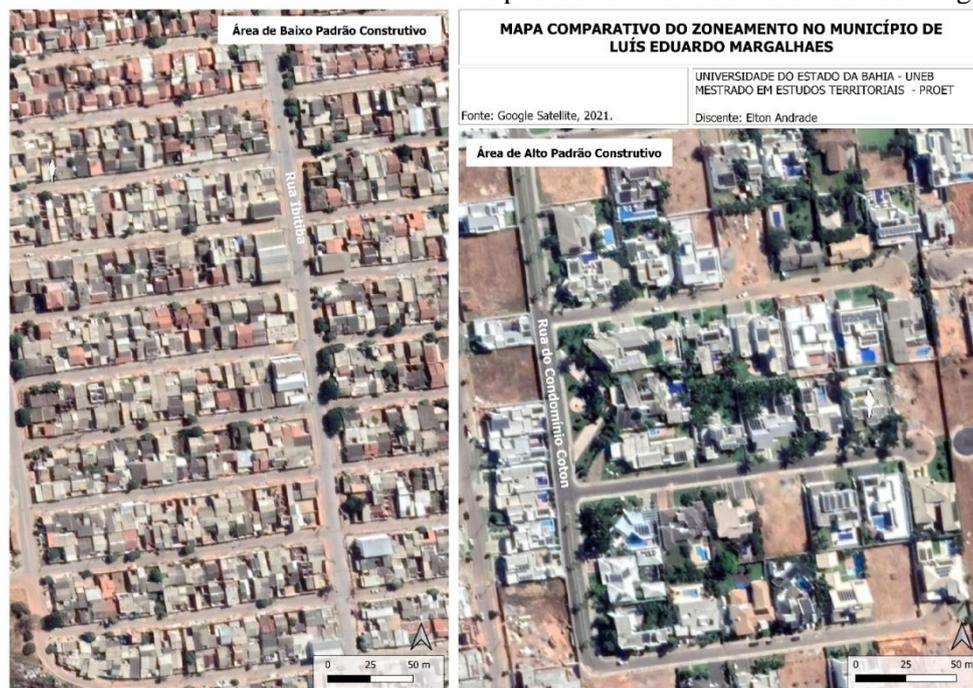
Fonte: Acervo dos autores, 2020.

No entanto, essa realidade se contrapõe à existência de bairros que sofrem com a precariedade nas habitações e de infraestrutura de saneamento, lugares destinados à população de baixa renda. É notável na paisagem o crescimento desigual dos seus espaços urbanos por um processo que fortaleceu os grandes proprietários de terras e os empresários, contrastando com a pobreza de grande parte da população que depende dos empregos mal remunerados das atividades de comércio, serviços e indústria, vinculadas à chamada “agricultura moderna”.

Nas imagens de satélite (representada na figura 12) estão representadas as diferenciações territoriais existentes nas duas realidades. O “território dos ricos” e o “território dos pobres”. De um lado está a visão de uma parte do bairro Jardim Paraíso, estruturado com grandes residências e condomínios. Do outro lado está a visão de uma parcela do bairro Santa Cruz, bairro periférico, sem infraestrutura e, associado à falta de infraestrutura urbana adequada, concentra grande para o contingente populacional. A

forte atuação dos especuladores imobiliários eleva o valor dos terrenos e, por não conseguirem pagar por essa fatia de espaço acabam por ocupar os bairros com maior carência da cidade.

Figura 12- Realidades em áreas de baixo e alto padrão construtivos. Luís Eduardo Magalhães



Fonte: Google satélite. Elaborado por Elton Andrade, 2021.

Os impactos da localização de empreendimentos de forma descontínua produzem novas frentes de expansão da cidade destinadas aos mais pobres com mais precariedades e problemas em seu entorno. Morar num bairro periférico está diretamente relacionado à diferença de oportunidades e acessos desiguais em termos sociais, econômicos, educacionais e culturais. As diferenciações das áreas residenciais da cidade refletem as diferenças econômicas de poder, influenciando decisivamente em onde os membros de cada grupo podem viver. As diferenças econômicas, de prestígio e de poder são função da classe social do indivíduo, diretamente ligada à posição ocupa em relação aos meios de produção.

As áreas residenciais formadas por uma concentração maior de pessoas de classe média alta e alto padrão, recebem, em maior número, imigrantes de regiões que tradicionalmente produtoras de soja. Sendo assim, podemos dizer que as pessoas que residem nestas áreas residenciais costumam investir ou são trabalhadores especializados neste tipo de produção.



A outra face expõe as áreas residenciais com piores percentuais de renda. Estas acabam por concentrar a maioria dos imigrantes de regiões que não possuem tradição no tipo de cultivo nos quais a cidade é especializada. Estas pessoas acabam por se tornar mão-de-obra barata e desqualificada na produção agrícola ou em atividades urbanas com remuneração inferior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados e as análises realizadas pela pesquisa informaram os impactos gerados pela reestruturação produtiva nos Cerrados de modo mais marcante nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. Essas cidades, embora estruturadas em torno do agronegócio, apresentam uma intensificação do processo de urbanização. Barreiras, como principal polo regional, se coloca também como sede de importantes órgãos estatais estaduais e federais, concentrando uma oferta de bens e serviços que atendem à demanda regional. No entanto, Luís Eduardo Magalhães tem sua dinâmica urbana centrada nas atividades do agronegócio, seja no segmento agrícola, industrial e comercial.

Observando a estrutura intraurbana das cidades em estudo, de maneira geral, podemos perceber que a correlação entre localização dos estabelecimentos produtivos e tipos de áreas residenciais por faixa de renda é essencial. A intensificação do processo de urbanização provocou o surgimento de novos usos, novas formas e funções para atender aos interesses da classe dominante. A partir de investimentos tanto públicos como privados, diversas áreas da cidade compostas por condomínios fechados tornaram-se bastante atrativos para o capital imobiliário.

A forma como se realizou a reestruturação produtiva nos cerrados baianos e a lógica de acumulação que comanda o funcionamento da agricultura “moderna” de grãos formou uma minoria de privilegiados, que vive em condomínios fechados de alto padrão, contrastando com a grande maioria de trabalhadores que vive em bairros com enorme precariedade de infraestrutura.

Com isso, conclui-se que os cerrados baianos se configuram como áreas ricas, do ponto de vista econômico, porém socialmente excludentes, em que apenas uma parcela privilegiada da população desfruta das melhores oportunidades (em grande parte, fazendeiros, detentores dos meios de produção, grandes comerciantes e a elite local formada por políticos). Com isso, grande parte das pessoas encontra-se



desassistida devido à concentração de renda, da terra e a exploração da mão de obra, tais fatores indicam a reprodução de relações de poder assimétricas que tendem a ampliar as disparidades sociais nos cerrados baianos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, IBGE. **Censo Demográfico**. 1970, 1980, 1991, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 mar. 2021.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREDERICO, Samuel. **As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira**. Caderno Prudente de Geografia, Presidente Prudente, n.33, v.1, p. 5-23, 2011.

GÓES, L. M. **Abordagem sistêmica aplicada aos complexos agroindustriais da soja e do algodão no território do extremo oeste da Bahia**. 2011. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MENDONÇA, M. R. A reestruturação do capital e a modernização da agricultura no sudeste de Goiás. **PEGADA- A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 3, n. 1, 2002.

OLIVEIRA, M. A. B. **Do Sertão São Franciscano ao Oeste na Bahia: uma análise da trajetória de políticas do Estado no processo de formação territorial (1889-2014)**. 263 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2015.

RIOS FILHO, J. N. V. **As “novas” formas espaciais urbanas da agricultura: as cidades do agronegócio do Oeste Baiano e a cidade-campo em Salvador/BA**. 350 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências. Salvador, 2017.

SANTOS FILHO, Milton. **O processo de urbanização no oeste baiano**. Recife: SUDENE, 1989.

SANTOS, C. D. dos. Difusão do agronegócio e reestruturação urbano-regional no Oeste Baiano. **GeoTextos**, v. 12, n. 1, p. 157-181, 2016.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SOUZA, Ueliton Basílio de; SANTOS, Pablo Santana; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Agronegócio e mudanças espaciais: um estudo de caso do espaço barreirense. **Caminhos de Geografia**, v. 16, n. 56, 2015.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida et al (Org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 61-93.